

O “hacker” do Benfica e a denúncia através de crimes confessos

Paulo Matos
Advogado



Quando os bufos ou alertadores da PIDE denunciavam as pessoas contrárias ao regime, ainda que com base em meios de prova obtidos de forma ilegal, toda a gente da oposição se indignava muito.

Hoje, muita gente turvada pela clubite exacerbada, faz declarações sobre o “hacker” do Benfica como se este fosse uma entidade de controlo ou vigilância do mundo do futebol e que por isso ainda tivesse que ser premiado ou homenageado como um herói nacional.

A verdade é que estamos perante alguém que, invadindo de forma ilegal e fraudulenta a reserva da vida privada e as comunicações eletrónicas de pessoas e organizações, denuncia alegados crimes a partir de crimes confessos.

Como bem referiu há dias o advogado Paulo Sá e Cunha, num debate com Miguel Sousa Ta-

vares, só há hoje um domínio em que, com apertadas regras procedimentais, é certo, se permite que alguém dentro ou fora de uma organização tenha especiais prerrogativas legais e éticas de controlo da legalidade e da ética da atuação dos administradores, acionistas e empregados das empresas, que são os responsáveis pelos programas de “compliance”.

Miguel Sousa Tavares (empedernido adepto portista) utiliza o lugar comum segundo o qual – “não nos podemos conformar com a penalização do mensageiro e a absolvição dos autores da mensagem”.

Ora, Miguel Sousa Tavares, esqueceu-se do tempo em que face aos delatores da PIDE que violavam correspondência e comunicações privadas, como terá sido o caso do seu pai (ainda num tempo sem informática e redes sociais), apareceu sempre muito indignado com o desrespeito pelos direitos fundamentais e o Direito Processual Penal.

Como refere o João Miguel Tavares, há hoje mais indignados seletivos do que gente proba e independente no comentário sobre a atualidade, sobretudo quando o assunto é futebol.

Miguel Sousa Tavares é um desses indignados seletivos que tem por legítima a perseguição

aos adversários e por ilegítima a perseguição aos amigos.

Não podemos ficar calados quando uma das maiores sociedades de advogados do país, e em particular um dos seus advogados, viu a sua correspondência eletrónica trocada com os clientes completamente devassada.

Não podemos vociferar contra a invasão da plataforma informática CITIUS dos Tribunais, com utilização abusiva de “passwords” alheias, e ao mesmo tempo permitir que se abram as portas de um caminho perigoso que é o de uma espécie de devassa legítima permanente da vida privada e da violação de correspondência e comunicações eletrónicas alheias, em nome da perseguição de alegados crimes.

Hoje, já não há praticamente respeito pelo sigilo bancário nem pelo segredo de justiça, violando-se qualquer direito de reserva, em nome de algo abstrato a que chamam “interesse público”, quando na era mediática e digital em que vivemos do que se trata é mais de “interesse do público”.

Uma das funções dos responsáveis pela função “compliance” é a de alertar para a existência de irregularidades na gestão e no funcionamento de empresas ou instituições, como se

fossem uma espécie de denunciadores, delatores permitidos por lei.

Todavia, falar de “hackers” não é a mesma coisa do que falar da função “compliance”, que é não só permitida por lei para prevenção e denúncia de práticas ilegais, como assenta em princípios éticos de boa governação (códigos de conduta) e de prevenção dos riscos empresariais, servindo até como teste à atuação dos administradores, acionistas e trabalhadores das organizações para efeitos de prevenção e aferição da responsabilidade penal das empresas enquanto pessoas coletivas.

Confundir os “hackers” e a sua atuação à margem da lei com os denunciadores legítimos, é violar não só as regras do processo penal que não admitem provas ilegítimas, como matar o Estado de Direito, escancarando as portas de um totalitarismo “voyeur” ou de “Big brother orwelliano”, incompatível com a democracia.

Tal não invalida que os factos que tenham resultado do trabalho de denunciadores furtivos como Edward Joseph Snowden, do trabalho da WikiLeaks e dos jornalistas dos “Panama papers”, que descobriram as “offshores” e outros desvios do capitalismo financeiro, devam ser investigados até às últimas consequências, sempre respeitando as regras do Estado de Direito, da prova legal, e da presunção de inocência. ◀

Este artigo foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

(H)À Educação

Margarida Pinheiro*

margarida.pinheiro@ua.pt



O que podemos nós oferecer a quem nos escolhe para uma experiência Erasmus?

A Universidade de Aveiro (UA) é uma instituição parceira do programa de mobilidade Erasmus. Para além da oportunidade que os estudantes, docentes e não docentes da UA têm de se aventurarem por outros países e outras culturas de que já falámos aqui em crónicas anteriores, há o outro lado da questão: o que podemos nós, UA e Aveiro, oferecer a quem nos escolhe para viver uma experiência Erasmus connosco? Tudo, diria eu! A começar pela natural forma de estar dos portugueses: acolhedora e cativante.

Quem nos visita fala da língua (ficámos a saber que na China já falam português em algumas instituições e essa é uma motivação para os estudantes daí originários). Quem nos visita diz que somos diferentes na forma de pensar, na forma de agir. Quem nos visita diz que o nosso custo de vida lhes é favorável, porque conseguem fazer mais com o mesmo ou menos dinheiro do que fazem no respetivo país de origem. Quem nos visita, e já passou por cá antes,

fala de algo que não tem no dicionário, mas que aprendeu a sentir da primeira vez que nos visitou: saudade. Quem nos visita diz que somos um povo com uma mente aberta, disponível a aceitar as diferenças e a acolhê-las. Quem nos visita fala da nossa natural apetência para conversar, para um sorriso pronto, para ajudar. Quem nos visita fala da capacidade que temos da reter quem passa por cá e de atrair quem vem a primeira vez. Quem nos visita diz que é fácil comunicar, porque quase todos falam pelo menos um pouco de inglês, nas ruas, nas lojas, nos serviços. Quem nos visita fala da boa impressão que retira de uma consulta inicial no Google: Portugal e a UA são giros, agradáveis e passam uma imagem muito simpática para quem procura informação. Quem nos visita refere um estilo de vida mais tranquilo do que em muitos outros países. Quem nos visita diz que os nossos dias são maiores que os deles, porque jantamos mais tarde. Quem nos visita fala de sol, calor, muitas diferenças na paisagem. Quem nos visita fala de viagens. Fala de Lisboa, do Porto, dos Açores e da Madeira, de Braga, do Douro, do Algarve e do Alentejo. Quem nos visita refere que encontra muita oferta de onde ficar.

Quem fala da UA fala de metodologias capazes de envolverem os estudantes de forma continuada ao longo do semestre. Quem fala da UA fala da surpresa das aulas não começarem à hora marcada, ..., mais um quarto de hora académico de tolerância. Mas dizem isto com uma gargalhada, entendem que é uma característica nossa

que sabe bem e ajuda a descontrair. Quem fala da UA fala de como a rede Erasmus de apoio na UA (como a Erasmus Student Network - ESN) os recebe de braços abertos, estendidos e calorosos, capazes de desfazerem nós da alma ou outros mais práticos quando alguns se veem a muitos quilómetros de casa e se sentem mais sós.

Quem fala da UA fala de “budies” bem preparados para ajudarem, que ultrapassam barreiras para mostrarem que sabem receber e resolver questões. Quem fala da UA fala de uma instituição com muitas culturas que não discrimina parceiros. Quem fala da UA fala da possibilidade de interação fácil com outros estudantes Erasmus, aventureiros da mesma formada, ou fala das oportunidades que o desporto ou outros interesses conjuntos que a UA oferece podem ter como catalisadores de novos amigos. Quem fala da UA fala dos amigos e familiares que os vieram visitar, do orgulho que sentem ao mostrar a cidade e o campus.

Quem escolheu viver em Portugal e na UA refere crescimento pessoal. Refere desafios superados, novas perspetivas do mundo e da vida. Quem escolheu viver em Portugal e na UA refere maior capacidade de abertura aos outros e de comunicar, de levar tudo isto dentro si e da perspetiva que tem de notar essa mudança, ainda mais intensamente, depois de regressar a casa. Porque os espaços serão os mesmos, mas eles estarão diferentes. Mais fortes! Mais independentes! Mais autónomos! Mais seguros de si mesmos! Mais capazes de lidarem com as suas

zonas menos confortáveis! Mais capazes de enfrentarem o que vida lhes vai fazer viver! Quem escolheu viver em Portugal e na UA antecipa o sentimento que está a prever experienciar: saudade. Quem escolheu viver em Portugal e na UA fala num processo de aculturação, na sua essência: aprender, integrar, adaptar.

Opiniões várias e variadas, pessoais, recolhidas de entrevistas realizadas com estudantes Erasmus que têm passado pela nossa UA e que deram e continuam a dar o mote para vários e interessantes trabalhos de investigação.

Portugal e Universidade de Aveiro, porque não? ◀

* Investigadora do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro e professora adjunta do ISCA-UA

Este artigo foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico



Quem fala da Universidade de Aveiro fala de metodologias capazes de envolverem os estudantes de forma continuada ao longo do semestre